

O marxismo de Fredric Jameson

GIOVANNA MARCELINO*

Os anos 1980: crise e renovação do marxismo

Como sugerem diferentes propostas historiográficas, o marxismo se constituiu ao longo do tempo como uma tradição política e intelectual viva, em constante mutação, aberta a se repensar à luz de cada momento histórico (Anderson, 2004; Bidet; Kouvelakis, 2008; Hobsbawm, 1989; Keucheyan, 2014; Musse, 1997; Therborn, 2012). Trata-se de um movimento crítico permanentemente suscitado, seja pelas transformações do capitalismo (que sempre exigem aportes e redefinições das teses e diagnósticos sobre o presente histórico), seja pelo próprio fato de que cada época descobre o seu próprio Marx, atualizando e promovendo novas leituras de sua obra (algo corroborado, desde o início, pelo conhecimento tardio de alguns de seus manuscritos, bem como pela própria necessidade de se avançar na formulação de temas que não foram por ele desenvolvidos em vida). Como salienta Perry Anderson (2004), em sua tentativa de organizar um balanço da história do marxismo desde sua fundação, trata-se de um processo geracional e geográfico, em que o legado construído por Marx e Engels a partir de um contexto específico – o da “miséria alemã” do século XIX – foi reelaborado, expandido e enriquecido ao longo de diferentes épocas e realidades nacionais, algo que trouxe não apenas inovações teóricas, políticas e temáticas, como também mudanças na autocompreensão sobre o que é o marxismo e como ele define a si mesmo –

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP. E-mail: giovannahmarcelino@gmail.com

“socialismo científico” (Engels), “expressão teórica da revolução” (Lukács), “teoria e prática revolucionária” (Lenin), “tradição intelectual” (Escola de Frankfurt) etc.

Do ponto de vista do presente, pode-se dizer que esse movimento de auto-crítica, renovação e ampliação da tradição marxista, que atravessou diferentes gerações e contextos, se deparou com um novo capítulo de sua história no final do século XX. Os anos 1980, em especial, representaram um marco importante nesse sentido pois, além de assinalarem o encerramento do ciclo histórico aberto pelo que Eric Hobsbawm chamou de o “curto século XX”, atestaram o suposto óbito do marxismo, devido aos rumos que tomaram as experiências do socialismo real e da social-democracia. Hoje é nítido que este clima de reveses, apesar de ter gerado impactos profundos, não representou a “crise” definitiva do marxismo, como apostavam alguns, senão reforçou o quanto estar “em crise” é, na verdade, um estado permanente desta tradição, devido à sua própria estrutura dialética, que implica uma constante crítica de si mesmo de acordo com as mudanças históricas (Kouvelakis, 2008a, p.34).¹ Ou seja, tal cenário de refluxo na verdade contribuiu, contraditoriamente, para que o marxismo saísse renovado, atravessando mais um processo de maturação. Em decorrência disso, novos arranjos e posicionamentos se configuraram: além dos que preferiram seu abandono completo (pós-marxistas), houve aqueles que optaram por um retorno diferente a Marx, escolhendo uma ou outra contribuição de seu legado, reinterpretando-as e enxertando-as no corpo teórico de outras correntes de interpretação (neomarxistas); e outros que preferiram a preservação da tradição, pautando-se pelo esforço de atualização da teoria marxista à realidade da sociedade capitalista contemporânea, a partir de suas mais variadas vertentes e pontos de vista (lukacsiano, gramsciano, althusseriano, trotskista, stalinista etc.) (Therborn, 2012, p.139). Nesse sentido, em vez do “fim do marxismo”, assistiu-se ao florescimento difuso de uma “centena de marxismos”, como bem caracterizou Immanuel Wallerstein (1991).

O chamado marxismo ocidental – linhagem nascida de uma mutação ocorrida no bojo do marxismo europeu no período entreguerras, que, para preservar a tradição marxista diante de uma conjuntura controversa, acabou “hibernando-a” sob a forma de uma “tradição intelectual” de investigação filosófica, epistemológica e cultural – também foi ressignificado nesse cenário. O próprio Anderson, por exemplo, cujo livro *Considerações sobre o marxismo ocidental* notadamente contribuiu para a difusão e legitimação deste termo, chegou a aventar que essa

1 Na analogia construída por Burawoy (2000, p.154-156), a tradição marxista pode ser vista como uma árvore, “com raízes, tronco, ramos, galhos e folhagem”. Seu crescimento e desenvolvimento respondem a uma “lógica interna” própria – fundada nas raízes (os escritos de Marx e Engels) e nos ramos que nascem do tronco (o marxismo alemão, o marxismo russo, o marxismo ocidental e o marxismo do “terceiro mundo”) – e uma “lógica externa”, o clima e os ventos da história, ela mesma passível de ser influenciada pelo marxismo. A experiência comunista, nesse sentido, representou uma espécie de furacão que atingiu essa árvore, arruinando alguns galhos e folhagens, de modo a colocar na ordem do dia a necessidade de reconstrução e recomeço.

linhagem histórica estaria à beira da extinção devido à emergência da conjuntura de 1968. De acordo com sua hipótese, esta teria trazido novamente à cena a possibilidade de renascimento da tradição revolucionária clássica (levada a cabo por Lenin, Trotsky, Rosa Luxemburgo), de forma que uma nova geração de “marxistas estrategistas” iria substituir a dos “marxistas filósofos”, reunificando a relação entre teoria e prática que havia sido perdida no período anterior. Com a virada dos anos 1980, no entanto, o próprio Anderson realiza um balanço crítico desse prognóstico, desmentindo e revisando seu veredito anterior, diagnosticando dessa vez que a derrota dos movimentos dos anos 1960 fomentou, na verdade, o ressurgimento ou revigoramento do marxismo ocidental, tomando a obra de Fredric Jameson como referência principal desse acontecimento (Anderson, 2004; 1999).

Alguns elementos principais endossam essa constatação, entre eles, o próprio problema da dissociação entre teoria e prática, central na caracterização de Anderson sobre o marxismo ocidental. Nesse sentido, guardadas as proporções, o refluxo das experiências dos anos 1960 teria acarretado um processo semelhante ao revés da onda revolucionária dos anos 1920: o revigoramento de críticas de tom mais “pessimista” e o “refúgio” de uma gama de intelectuais e ativistas nas universidades, com o retorno à produção de um marxismo científico, a princípio desconectado, ou ainda, não “submetido” às demandas de um partido ou à uma perspectiva estratégica revolucionária, ao menos em seu sentido tradicional. Assim, assistir-se-ia novamente ao crescimento de um tipo de marxismo bastante enriquecido em termos teóricos, com alta capacidade analítica e de ampliação de temas e objetos (os estudos culturais, de gênero, raça, mídia, ecologia etc.), mas “politicamente impotente”, sobretudo após a crise do comunismo e da social-democracia e a chegada do neoliberalismo (Kouvelakis, 2012, p.75). Com isso, também houve uma mudança de terreno institucional: o “lugar” do marxismo passou a ser identificado menos com o terreno das organizações políticas e mais com o ambiente acadêmico, e os intelectuais – um estrato social que se tornou mais amplo e importante no pós-guerra, com a expansão do ensino superior – passaram a ter uma maior influência nos rumos do marxismo, com a proliferação do papel do “teórico” marxista, concomitante a um certo declínio da figura do dirigente, intelectual do partido, que possuía uma posição preponderante no marxismo clássico.

A obra de Jameson possui fortes vínculos com esse processo de mutação e revigoramento do marxismo ocidental. Em primeiro lugar, justamente por ela representar uma tentativa de revitalização desta tradição em meio ao novo contexto de “derrota política” dos anos 1980. Muitas de suas intervenções, inclusive, tematizam esse problema, tomando para si a tarefa de entender as raízes dessa derrota e os mecanismos objetivos e subjetivos da dominação capitalista em seu novo estágio – o capitalismo tardio. Além disso, Jameson notadamente contribuiu para a introdução e difusão do marxismo ocidental nos Estados Unidos, dando continuidade, ou mesmo revigorando, o legado desta tradição, ao apresentar, pela

primeira vez, uma “teoria da lógica cultural” do capitalismo, partindo da ideia de que cada estágio do modo de produção capitalista é acompanhado por uma dominante cultural específica – o realismo, o modernismo e o pós-modernismo (Jameson, 1997).

No entanto, ao mesmo tempo que está em linha de continuidade, sua obra também representa um rompimento com o marxismo ocidental, sobretudo com seu padrão propriamente geográfico, endossando a emergência de um novo eixo da produção marxista no final do século XX. Se até os anos 1970, o centro de gravidade do marxismo estava, sobretudo, na Europa (na parte central e leste durante o marxismo clássico, e na parte ocidental com o processo de stalinização), nos anos 1980 houve um novo deslocamento, dessa vez para o mundo anglófono, sobretudo para as universidades norte-americanas. Uma migração que coincide, por sua vez, com a própria hegemonia econômica e militar que os Estados Unidos passam a ter no mundo após a Segunda Guerra Mundial, e que também pode ser vista como um sintoma da globalização e internacionalização do regime de circulação de ideias que cada vez mais extrapola fronteiras nacionais, aproveitando-se do próprio caráter “aberto” das universidades estadunidenses e seus recursos financeiros e de infraestrutura, que atraem cada vez mais pesquisadores de todo o mundo.² Assim, o marxismo, que até meados dos anos 1960 tinha uma posição bastante marginal na cultura intelectual norte-americana, gradualmente passou a ter em suas universidades um lugar central de acolhida e de ressonância, em parte devido ao próprio espaço que teóricos como Jameson ocuparam. Uma forte expressão disso é o número significativo de pensadores marxistas (muitos deles provenientes da geração dos anos 1960) que hoje residem em solo norte-americano, lecionando em suas universidades.

Vista desse ângulo, a obra de Jameson torna-se, portanto, um meio de acesso e um ponto de vista privilegiado para obtermos não só uma compreensão da cultura e da sociedade capitalista em seu estágio mais recente (matéria por excelência de suas próprias intervenções teóricas), como de investigação sobre importantes traços do marxismo contemporâneo. O autor possui uma produção intelectual profundamente vinculada ao desenvolvimento do marxismo no contexto de hegemonia do capitalismo norte-americano do pós-guerra, podendo nos revelar algumas questões que permeiam o deslocamento da produção marxista para o ambiente acadêmico estadunidense. Além disso, seus ensaios dialogam com uma gama ampla de debates que surgiram nesse período – como o da “crise da interpretação” na crítica literária e o do “fim da modernidade” na teoria social (Sontag, 1987; Kumar, 2006) –, tornando-se um ponto de partida fundamental

2 Como bem nota Fabio Durão (2011, p.70), na medida em que tais universidades estão pautadas antes de tudo pela produtividade e superprodução de textos, “é indiferente ao conteúdo daquilo que se pesquise. É isso que explica a facilidade com a qual tantas teorias ‘radicais’ puderam ser incorporadas ao sistema acadêmico estadunidense, pois revigoram o material de produção intelectual”.

não só para os estudos culturais, mas também para a realização de uma história das ideias.

Essas marcas distintivas apenas evidenciam a importância, o reconhecimento e a notoriedade que a obra de Jameson há tempos possui, dada sua ampla recepção internacional e no Brasil, tendo influenciado muitos estudos no campo do marxismo e da crítica cultural nas últimas décadas. Ainda assim, nota-se uma certa ausência de comentários que tomem a totalidade de sua obra como objeto de estudo, sobretudo no campo da teoria social, algo em grande medida decorrente da dificuldade de acesso à maioria de seus textos (que ou se encontram esgotados, ou carecem de tradução), bem como do próprio fato de se tratar de uma produção bastante extensa e multifacetada, que conta com uma recepção mais consolidada entre pesquisadores das artes, da cultura e da crítica literária.³ Tendo isso em vista, neste artigo, pretende-se fazer um breve resgate do projeto intelectual de Jameson, combinando a interpretação e historização de seus textos, a fim de aprofundar tanto a compreensão do desenvolvimento interno de sua obra, quanto do ambiente de época no qual ela está inserida. Com isso, espera-se entender a maneira particular com que ele lidou e assimilou o contexto histórico específico do final do século XX, propondo uma forma original de renovação do marxismo.

Um marxista ocidental no centro do capitalismo

Nascido em 1934, em Cleveland, Jameson iniciou sua trajetória intelectual nos anos 1950, após graduar-se em Literatura na Haverford College. Eram “os anos de Ouro” de estabilidade do capitalismo pós-guerra e de explosão do sonho americano e seu estilo de vida, o *American way of life*. Nesse momento, a academia norte-americana respirava uma atmosfera intelectual marcada pela tônica anticomunista da Guerra Fria, com um forte clima de hostilidade e perseguição às críticas de cunho marxista, bem como pela predominância da razão instrumental, com o crescimento de pesquisas de tipo empirista e positivista, avessas ao pensamento dialético. Como o próprio autor relata, diferentemente do contexto europeu, no qual o marxismo era “um modo de pensamento vivo e onipresente com o qual todo intelectual é obrigado a entrar em contato de uma forma ou de outra, e ao qual é obrigado a reagir”, na academia norte-americana, tal tradição

3 Em seis décadas de atividade, Jameson produziu uma obra vasta e coesa, que abarca tanto uma ampla gama de campos disciplinares (teoria literária, crítica cultural, filosofia, política) quanto de assuntos e referências (desde o diálogo crítico com diferentes tradições contemporâneas, como existencialismo, formalismo, estruturalismo, semiótica, pós-estruturalismo, psicanálise, pós-modernismo, até as variadas formas de manifestação cultural, como o romance realista, a ficção científica, a arte pós-moderna, as tendências contemporâneas do cinema e do vídeo, arquitetura etc.). Muitos estudos privilegiam a análise da recepção de sua obra na temática que propriamente o consolidou como autor de referência do marxismo contemporâneo – a crítica cultural – mas não necessariamente na própria relação íntima que ela possui com outro aspecto, que ocupa uma posição igualmente importante em seu trabalho, a crítica social. Tentei trabalhar esse problema em Marcelino (2017).

se encontrava numa posição isolada (Jameson, 1985, p.162). Tratava-se, portanto, de um ambiente aparentemente impróprio para a formação de um intelectual marxista: o anticomunismo prevalecia na política, o consumismo na vida social e o empirismo na academia.

Como notam Maria Elisa Cevasco e Iná Camargo Costa (1997, p.8), em meio a esse contexto, a radicalização intelectual de Jameson se deu, sobretudo, por meio dos estudos estéticos, com a leitura dos clássicos do modernismo, além de também derivar da admiração pela Revolução Cubana, “que lhe demonstrou a possibilidade de uma organização social radicalmente diferente”. Como descreve Jameson (1993, p 6), “na nossa situação provinciana dos Estados Unidos da Guerra Fria, a revolução política e a revolução da forma caminharam juntas, e como sendo partes de uma mesma coisa. Assim, meu marxismo e meu interesse pela dialética partiram dessa situação”.

Além disso, seu contato com a cena das teorias filosóficas europeias foi decisivo. Após graduar-se, iniciou seu PhD em francês na Universidade de Yale (onde foi aluno de Erich Auerbach), a partir do qual passou alguns meses na Alemanha e também na França, país onde entrou em contato com novas perspectivas teóricas, bem como com uma sociedade ainda não totalmente imersa no capitalismo de consumo, na qual persistia uma cultura em que o intelectual politicamente comprometido era viável. Um dos autores que lhe despertou particular interesse foi o escritor e filósofo Jean-Paul Sartre, que sustentava à época tal modelo do intelectual engajado. Jameson elegeu a filosofia e o estilo de Sartre como objeto de sua tese de doutorado, posteriormente publicado como seu primeiro livro, *Sartre: The Origins of a Style* (1984 [1961]).

Além de um tipo de engajamento que marcou a geração dos anos 1950, o pensamento existencialista de Sartre levou Jameson a conhecer a tradição crítica e filosófica do marxismo europeu (Homer, 1998, p.8).⁴ Tal contato também se intensificou pelo próprio contexto aberto pela década seguinte: se nos anos 1950, uma nuvem anticomunista pairava sobre os Estados Unidos, nos anos 1960, houve uma mudança significativa de atmosfera. O surgimento da *New Left*, os movimentos de libertação nacional na África e na Ásia e os experimentos socialistas na América Latina geraram um caldo para que houvesse um relativo crescimento da influência marxista nas universidades (Coutrot, 2008, p.255). Nesse momento, Jameson vivia e trabalhava como professor na Califórnia, ou seja, estava próximo do epicentro das revoluções políticas e culturais da época – dos novos estilos de vida, ativismos políticos e práticas artísticas – um ponto de vista privilegiado, inclusive, para trabalhar uma das temáticas que posteriormente consolidaria sua posição e reconhecimento na teoria marxista e no campo da crítica cultural: o pós-modernismo.

4 Nas palavras de Jameson (1992a, p.94), “alguns de nós [...] chegamos ao marxismo através dos elementos dialéticos do primeiro Sartre”.

Assim, já nos primeiros anos de sua trajetória, uma dupla agenda teórica foi por ele delineada, criando as coordenadas que iriam cimentar o percurso teórico a ser trilhado pelo autor. A primeira delas seria justamente o empenho de contribuir com o desenvolvimento da teoria marxista nos Estados Unidos, em especial, com a introdução ao público norte-americano da tradição marxista-hegeliana da crítica dialética e alguns de seus teóricos mais importantes (Theodor Adorno, Georg Lukács, Ernest Bloch, Walter Benjamin, Herbert Marcuse e Sartre) – autores até então pouco discutidos ou tachados de “obscuros”, “abstratos” e “indigestos” nos círculos acadêmicos do país devido à predominância de uma tradição liberal antiespeculativa (Jameson, 1985, p.4). Tal empenho fez com que Jameson fosse justamente reconhecido como um dos principais predecessores da linhagem do marxismo ocidental no meio anglo-saxão. A segunda coordenada seria o esforço de adaptar essa tradição, a partir de um diálogo com as problemáticas postas, sobretudo, pelos “competidores teóricos” do marxismo naquele momento, em especial, a teoria pós-estruturalista europeia e a teoria pós-moderna, seguindo a lógica dialética e o procedimento de Marx de realizar “acertos de contas” com tendências intelectuais diversas no intuito de atingir uma síntese teórica superior.

A defesa da dialética

Um dos alicerces fundamentais que Jameson encontrou para levar adiante essa proposta de difusão e atualização do marxismo no contexto norte-americano foi o resgate da *dialética*. Seus livros registram não só o estudo, como a tentativa constante de aplicá-la à análise da cultura e da sociedade. Em seu consagrado *Marxismo e forma* (1985 [1971]), Jameson sintetiza como a forma foi manejada por diferentes autores do marxismo ocidental ao longo do século XX, compreendendo o pensamento dialético como aquele procedimento filosófico que subsume outras posições e sistemas aparentemente antagônicos, de forma a cancelá-los e preservá-los simultaneamente em sua visão compreensiva, atribuindo-lhes uma validade parcial para si mesma. Ou seja, em termos metodológicos, trata-se de uma operação que compreende que os limites de outros sistemas filosóficos podem ser superados e suas descobertas positivas conservadas, apropriadas e enriquecidas. Essa dupla determinação – reconhecimento e superação simultânea de posições – definiria, por sua vez, o que é o próprio marxismo, tendo em vista que ele historicamente depende, para sua própria vitalidade, da normatividade de outros modos de pensamento aos quais reage, seja para corrigi-los e/ou subvertê-los (Jameson, 2009b, p.61).

Prova disso seria o próprio fato de o materialismo histórico ter sido concebido em sua origem não como uma posição em si mesma, mas antes uma correção, retificação ou inversão, à maneira dialética, de outras posições preexistentes, de forma que não se pode compreendê-lo sem antes entender contra o que ele se dirige e o que se dispõe a corrigir (ibid., p.278-279; 283-284). O pensamento

dialético, portanto, seria esse movimento incessante de ampliação, o “içar” de um complexo de pensamento num andar acima, de forma a refundamentar suas noções num novo patamar, numa síntese teórica superior (ibid., p.235-236). Um procedimento de dissolução e geração de categorias intelectuais, tal como em Marx, que acertou contas com diferentes tradições intelectuais de sua época, como o idealismo alemão, o socialismo utópico francês e a economia política inglesa. Segundo Jameson, a autenticidade de Marx foi, assim, não a de simplesmente dar as costas a essas perspectivas, mas antes ir a fundo em cada uma delas, de maneira a conseguir retirar de seu avesso o “momento de verdade” que elas guardam em seu interior, por meio de um processo de historização, pelo qual os conteúdos dessas posições – que normalmente se apresentam na forma de abstrações aparentemente autônomas – são “desreificados” e reconectados novamente à totalidade concreta que os forma, numa “viagem de retorno” que quebra o mundo invertido por elas apresentado, mostrando como elas “expressam formas de ser, determinações da existência” (Marx, 2011, p.54).

Jameson aplica, então, esse procedimento aos debates de sua própria época, de forma que a dialética torna-se um princípio, senão um motor, de seu projeto teórico e de sua atividade crítica ao longo de toda sua obra. Para ele, defender o marxismo não implicaria em simplesmente rejeitar ou descartar posições conservadoras ou antimarxistas que estavam emergindo no pensamento crítico em meio ao processo de “crise do marxismo”, a partir de juízos “positivos” ou “negativos” próprios de uma posição de “adversário” ou “partidário” de uma determinada concepção. Em sua opinião, submeter ao exame racional tais posições intelectuais deveria, na verdade, ser parte da própria estrutura operacional do marxismo, tendo em vista que é aquilo que o mantém enquanto uma tradição intelectual autocrítica e sempre renovada. Nesse sentido, suas intervenções estão profundamente calcadas na tentativa de examinar uma série de posições conceituais, não na perspectiva de imediatamente descartá-las, mas, antes, de mobilizá-las para, a partir delas, alcançar o seu oposto.

Isso é bastante explícito no diálogo que Jameson guardou com uma série de correntes interpretativas, como o desconstrutivismo, o pós-estruturalismo e o pós-modernismo, com as quais entrou em contato à medida que elas gradualmente chegavam aos departamentos de literatura norte-americanos a partir dos anos 1970. Ao longo de sua obra, o autor avalia o rendimento e a densidade de cada uma delas partindo do que ele chamou de “metacomentário”, isto é, o procedimento de promover, antes de qualquer interpretação, um comentário sobre o próprio ato interpretativo. Sua conclusão é que a perspectiva marxista, longe de ser uma simples substituta ou uma posição alternativa e concorrente a esses modelos interpretativos, é aquela que apresenta um horizonte mais compreensivo, capaz de “transcender” as limitações das demais posições, sem abolir completamente seus objetos e contribuições parciais (Jameson, 1992a).

O nome particular dado por Jameson a essa operação dialética de reconhecer e superar posições concorrentes foi o de “transcodificação”, que, segundo ele, designaria o processo de tradução que permite captar o melhor de cada modelo teórico, colocando-os em um patamar superior, segundo um código-mestre (a perspectiva marxista). Tal procedimento seria, antes de tudo, uma constante “troca de lentes”: o teórico, partindo da mesma fórmula promovida por um exame realizado no oculista (em que lentes são alternadas diante do olho humano no intuito de se ajustar às imperfeições óticas e se chegar a uma visão mais nítida e precisa do mundo real), deveria utilizar das constelações de nomenclaturas que se encontram à sua disposição no campo da teoria para trazer foco ao problema que deseja trabalhar, apropriando-se daquelas que melhor iluminam a questão e descartando as que tornam sua visão mais borrada (Buchanan, 2007, p.2). Uma série de conversões como estas são operadas ao longo de seus ensaios, envolvendo do existencialismo de Sartre à semiótica, passando pela teoria crítica e pela teoria francesa estruturalista, de forma a se apropriar, à sua maneira, de conceitos como “simulacro”, “esquizofrenia”, “intensidades”, “capitalismo tardio”, “pós-modernismo”, fazendo com que seu pensamento se desenvolvesse como uma “espiral” em constante expansão: um projeto inicial de crítica literária que se ampliou a partir do aprofundamento progressivo de conceitos e problemáticas, sempre postos em novos contextos e fenômenos por meio da tensão criativa com autores, de acordo com os debates de época.⁵ Consequentemente, é bastante característica de seus textos a combinação, numa mesma análise, de diferentes referências, pensadores, conceitos, tempos históricos e lugares, sendo, portanto, possível caracterizá-lo como uma verdadeira “máquina interpretativa” alimentada pelo desejo insaciável por teoria e diferentes formas de produção cultural (Kouvelakis, 2008b, p.698-699).

Jameson coloca esse procedimento em prática já nos anos 1970, ao examinar o pensamento estruturalista francês, tal como registrado em seu livro *The Prison-House of Language* (1974 [1972]), no qual expõe um balanço crítico do modelo interpretativo de Lévi-Strauss, da semiótica de Barthes e A. J. Greimas, do desconstrutivismo de Derrida, e do que considerou a fonte comum de todas essas abordagens, o paradigma da linguagem proposto por Saussure. Nas palavras do autor, “minha impressão é que uma crítica genuína do Estruturalismo nos com-

5 A obra de Jameson pode ser, nesse sentido, dividida em três momentos principais: 1) o período de 1960 e 1970, marcado pelos estudos no âmbito da literatura e do marxismo; 2) a década de 1980, na qual se evidencia uma expansão nas preocupações intelectuais do autor – da consolidação de um modelo de interpretação de textos literários para a construção de um método de crítica dialética da cultura e da sociedade em geral –, expansão que dá início à formulação de seu diagnóstico do terceiro estágio do capitalismo por meio das noções de “pós-modernismo” e “capitalismo tardio”; e 3) de 1990 até o momento, em que seu projeto teórico se torna multifacetado, apresentando tanto a continuidade de suas análises culturais como o esforço de aperfeiçoamento das elaborações históricas iniciadas nos anos 1980, com a adesão ao conceito de “globalização” – cf. Anderson (1999), Homer (1998), Kellner; Homer (2004).

promete a trabalhar completamente por meio dela para emergir, do outro lado, numa perspectiva filosófica totalmente diferente e teoricamente mais satisfatória” (Jameson, 1974, p.vii).

E isso era inevitável por dois motivos principais. Primeiramente, pelo fato da “frente teórica do (pós-)estruturalismo” (composta por intelectuais como Lévi-Strauss, Lacan, Foucault, Derrida, Barthes, Deleuze) ter adquirido, a partir da França do pós-guerra, uma posição singular no cenário intelectual, deslocando a posição “hegemônica” que o marxismo detinha entre a *intelligentsia* radical, bem como gerando uma mudança significativa no imaginário do pensamento crítico, que passou a se centrar em temas como a linguagem, o desejo, as diferenças, bem como na crítica à representação, à totalidade, à verdade universal e às formas de explicação causal e histórica (Anderson, 1985, p.38). Em segundo lugar, pelo fato desta perspectiva oferecer percepções sobre a realidade social que o marxismo não poderia ignorar. Isso porque seu método – baseado na reexpressão dos problemas sociais a partir da terminologia linguística (ou seja, de que qualquer objeto de análise, da literatura à moda, do inconsciente ao sistema social, poderia ser organizado como a linguagem, como um sistema autorreferente de signos, sendo cada objeto uma espécie de sistema total) – confluiria com as condições concretas da vida social dos países desenvolvidos nesse momento (um mundo saturado por mensagens, informações, pela propaganda e pela mídia), de modo que estudar e historicizar esse método daria, portanto, acesso à própria compreensão do sistema social.

Assim, na perspectiva de Jameson, o marxismo poderia, por meio de uma leitura dialética do método estruturalista, ter acesso às próprias características do sistema capitalista contemporâneo, pois a necessidade, amplamente difundida nos anos 1970, de se repensar a realidade nos termos da linguagem estaria relacionada à revolução tecnológica e ao forte impacto que esta trouxe para as experiências sociais. Nesse sentido, o procedimento da “textualização” da realidade e de pensar a linguagem como arquiteta de toda a sociabilidade, na verdade, teria um fundo de verdade social, que poderia se tornar acessível por meio do movimento crítico, já que a primazia da linguagem mimetizaria os próprios hábitos reificantes do capitalismo, ocultando o pano de fundo das estruturas que analisa, tornando-as fenômenos aparentemente autônomos. Reconnectá-las novamente à totalidade histórica poderia levar, então, ao conhecimento dos traços constitutivos da sociedade contemporânea.

Com efeito, enquanto nos debates acalorados da época as posições estruturalistas e dialéticas costumavam ser vistas como diametralmente opostas, impermeáveis umas às outras, a tentativa de Jameson foi a de mediar tais posições (Raulet, 2008, p.144). E o mesmo procedimento foi realizado pelo autor com aquela posição filosófica que iria marcar os debates da década posterior: o pós-modernismo. Embora não concordasse inteiramente com os diagnósticos propostos pelos teóricos pós-modernos – especialmente, aquele que indicava o surgimento

de uma formação social totalmente nova, que não obedeceria mais “às leis do capitalismo clássico, a saber, o primado da produção industrial e a onipresença da luta de classes” – Jameson avalia que ela representava um tipo de percepção histórica que não poderia ser simplesmente descartada ou ignorada (Jameson, 1997, p.29). Para o autor, a teoria pós-moderna apresentaria uma visão distorcida de transmutações culturais e sistêmicas reais que ocorreram a partir da Segunda Guerra Mundial e que deveriam ser analisadas: notadamente, o fim do modernismo e o surgimento de novas formas artísticas; a emergência de um novo estágio do capitalismo (o capitalismo tardio), que substituiu a fase imperialista anterior, e pela qual o sistema atingiu um patamar mais totalizante e global; a crise das vanguardas e dos projetos revolucionários modernos, no contexto de emergência dos “novos movimentos sociais” e do choque entre políticas de classe e políticas de grupos e identidades; o fim da autonomia das diferentes esferas da vida e sua completa “desdiferenciação” (Jameson, 1992b).

Ou seja, a teoria pós-moderna não era um mero “epifenômeno”, mas antes uma “realidade cultural e ideológica” que requeria uma explicação histórica; seu aparecimento estava relacionado, antes de tudo, a uma alteração fundamental que o próprio sistema capitalista passava naquele momento, e não ao advento de uma “nova ordem social” (Jameson, 2004, p.79). A posição de Jameson, portanto, foi de que o novo contexto que se desenhou nas sociedades ocidentais a partir de meados do século XX não deveria inaugurar a formulação de novos paradigmas, mas sim, mais um processo de atualização da tradição marxista (ibid., p.76). Em suas palavras, tendo em vista que cada estágio do capitalismo está vinculado a uma forma específica de marxismo, “um capitalismo pós-moderno sempre chamará a existir, contra si mesmo, um marxismo pós-moderno” (ibid., p.105). O autor defendeu, então, a apropriação do termo pós-modernismo a partir do procedimento de crítica dialética, desmistificando suas funções sociais e filosóficas vigentes para chegar à sua “verdade”, já que haveria justamente um descompasso entre o que esse conceito afirmava ser e o que ele realmente era. Torna claro, então, o ponto de vista específico a partir do qual partiu: o de redirecionar seu significado vigente, pautando-se por uma análise genuinamente histórica e dialética “para além do bem e do mal”:

estamos *dentro* da cultura do pós-modernismo, a ponto de o seu repúdio fácil ser tão impossível quanto é complacente e corrupta sua celebração igualmente fácil. [...] No lugar da tentação de denunciar as complacências do pós-modernismo como algum sintoma final de decadência ou de saudar as novas formas como os arautos de uma nova utopia tecnológica e tecnocrata, parece mais apropriado avaliar a nova produção cultural dentro da hipótese de trabalho de uma modificação geral da própria cultura causada pela reestruturação social do capitalismo tardio como um sistema. (Jameson, 1997, p.58-59)

A busca pela totalidade

Outra investida da obra de Jameson é a busca pela *totalidade*, tarefa que passou toda a tradição do marxismo ocidental (Jay, 1984) e que foi fortemente questionada em sua época pela tônica das teorias pós-modernas, que enfatizavam não só o caráter dispersivo e diverso da realidade social, como as próprias “condições de possibilidade” de se apreender a realidade como uma “unidade da diversidade” – um sintoma claro do intenso grau de fragmentação fomentado pelo próprio sistema capitalista contemporâneo e suas implicações subjetivas cada vez mais profundas.

Na visão de Jameson, apesar de ser, em última instância, irrepresentável, a totalidade se manteria como um recurso metodológico fundamental. A partir dela, seria possível resgatar aquilo que a lógica pós-moderna havia desfeito: a visão sobre as “afinidades secretas entre aqueles âmbitos aparentemente autônomos e não relacionados, ou ainda das sequências e ritmos ocultos em coisas que normalmente pensamos apenas isoladas, uma a uma” (Jameson, 2006, p.68). Ou seja, trata-se de uma categoria que permite “restaurar, pelo menos metodologicamente, a unidade perdida da vida social e demonstrar que elementos amplamente distantes da totalidade social são, em última instância, parte do mesmo processo histórico global” (Jameson, 1992a, p.231), ou ainda, que a sociedade “é, em sua realidade fundamental, una e indivisível, uma rede inconsútil, um processo único, inconcebível e transindividual” (ou seja, no qual os diferentes fenômenos nunca estão “desligados uns dos outros”).

Ao buscar construir uma visão totalizante do mundo social Jameson, portanto, vai na contramão de dois sintomas derivados da reificação capitalista: a) a fragmentação das formas de conhecimento – que se tornaram cada vez mais especializadas e compartimentalizadas, reproduzindo percepções reificadas dos fenômenos sociais e reduzindo a realidade a um presente empírico; e b) a fragmentação da própria experiência social, cuja expressão maior, segundo Jameson, seria o advento de uma “consciência esquizofrênica” (pautada pela falta de clareza em relação ao passado-presente-futuro). Nesse sentido, o autor segue o caminho aberto por Lukács em *História e consciência de classe* (2003 [1923]), destacando o quanto a incapacidade de se apreender a realidade como um todo concreto é um dos traços mais nocivos da sociedade contemporânea. Em suas palavras,

reificação é um processo que afeta nossa relação cognitiva com a totalidade social. É uma doença daquela função de mapeamento pelo qual o sujeito individual projeta e modela sua inserção na coletividade. A reificação do capitalismo tardio – a transformação das relações humanas em uma aparência de relações entre coisas – torna a sociedade opaca: é a fonte viva das mistificações em que a ideologia se baseia e pelo qual a dominação e a exploração são legitimadas. [...] a intensificação da consciência de classe será menos uma questão de exaltação populista ou *ouvrie-*

rista de uma única classe por si só, do que a reabertura forçada de acesso a um senso de sociedade como totalidade, e de reinvenção de possibilidades de cognição e percepção que permitem que os fenômenos sociais mais uma vez se tornem transparentes, como momentos de luta entre as classes. (Jameson, 2008b, p.447)

O problema da “consciência de classe”, nesse sentido, é revisitado por Jameson, seguindo de uma maneira renovada as coordenadas de Lukács – entre elas, a reflexão sobre a relação entre sujeito e objeto, ou ainda, o proletariado como sujeito e objeto do conhecimento, tendo em vista que seu autoconhecimento coincide com o conhecimento da totalidade (Lukács, 2003, p.97-99). Em seu ensaio “‘History and class consciousness’ as an unfinished project”, Jameson, na verdade, propõe uma reformulação da prioridade do ponto de vista do proletariado apresentada em *História e consciência de classe*. O autor considera que se a ênfase dada por Lukács ao proletariado industrial talvez tenha se tornado, em certos aspectos, “desatualizada” na sociedade contemporânea, sua noção de “ponto de vista” ainda teria um papel epistemológico fundamental, mas não estaria mais restrita à figura do operariado clássico, devendo abarcar também as experiências de diferentes grupos sociais que tomaram a cena política contemporânea. Desse modo, as mulheres, a negritude, os “colonizados”, as LGBTs etc. apresentariam, a partir de seus pontos de vista particulares, aspectos essenciais para a compreensão da totalidade social (como o patriarcado, o racismo, a homofobia, o imperialismo etc.). Com isso, propõe uma “multiplicação” dos sujeitos e dos pontos de vista, algo que ampliaria não somente as possibilidades de cognição e percepção da sociedade enquanto um todo social, como também da práxis política.

Nesse sentido, Jameson não segue à risca a defesa da política de classes em seu sentido clássico, dialogando, em grande medida, com a emergência da Nova Esquerda e dos chamados “novos movimentos sociais”. Além disso, para não abandonar o reconhecimento de que a perspectiva marxista se define não apenas por sua capacidade negativa e desmistificadora, mas, também, por sua disposição positiva, na busca da transformação da sociedade – algo que a difere das perspectivas meramente contemplativas do pensamento moderno, que pleiteiam que “o objeto de estudo deve permanecer intocado e imodificado”, como já definia Lukács (2003, p.95) – Jameson resgata, então, a noção de *utopia*, que representaria a possibilidade de se pensar formas de vida social que ainda não existem ou não se realizaram (Jameson, 2009c, p.279). Como relata em seu *Pós-modernismo*:

em nossos dias, quando as reivindicações do oficialmente político parecem extraordinariamente enfraquecidas, e quando adotar antigas posições políticas parece causar grandes embaraços, devemos ressaltar também que se encontra em toda parte hoje – e não somente entre os artistas e os escritores – algo como um não reconhecido “partido da utopia”: um partido *underground*, cujo programa não está publicado e talvez nem mesmo esteja formulado, cuja existência é desconhecida

pelos cidadãos em geral e pelas autoridades, mas cujos membros são capazes de reconhecer uns aos outros por uma espécie de sinais secretos como os maçônicos. (Jameson, 1997, p.195)

Assim, sua solução para dar conta da dimensão normativa da teoria marxista em um momento de refluxo seria a “renovação do pensamento utópico”, isto é,

a especulação criativa quanto ao lugar do sujeito no outro fim do tempo histórico, em uma ordem social que colocou para trás a organização da classe, a produção de mercadorias e o mercado, o trabalho alienado e o determinismo implacável de uma lógica histórica além do controle da humanidade. (Jameson, 2008a, p.113)

Nessa via, a noção de utopia é retomada por Jameson não no sentido pré-marxista denunciado por Engels e Marx sobre o socialismo utópico, mas no intuito de “ressoar uma perspectiva marxista no futuro” (Jameson, 1992a, p.241), tornando-se uma fonte de energia revolucionária e de resistência, e aquilo que permite que seu pensamento não caia em aporias, antinomias e paradoxos sem solução, como em outros padrões lógicos (Balakrishnan, 2010, p.33).

Desse modo, o que em Benjamin teria assumido o caráter de uma obsessão pelo passado e pela memória, como possibilidade de integridade subjetiva diante da “existência mutilada” da sociedade moderna, em Jameson, é traduzido pela busca incessante dos impulsos utópicos, inspirado na noção de “desentranhamento da esperança” de Ernest Bloch, pautado no deciframento do futuro oculto e latente, distorcido e reprimido, presente numa gama variada de objetos da vida cotidiana, não importa quão “degradados” eles sejam (Jameson, 1985, p.54-55). Para Jameson, uma das fontes de apreensão de tais resquícios utópicos seria, por exemplo, a cultura de massas que, apesar de cumprir uma função claramente ideológica – enquanto “obra hegemônica cujas categorias formais e seu conteúdo garantem a legitimação desta ou daquela forma de dominação de classe” – guardaria em si traços importantes para uma possível negação do capitalismo. Em sua opinião, “a função ideológica da cultura de massa” não se dá através de uma simples produção de falsa consciência, mas como um processo em que impulsos protopolíticos reais são “administrados”, silenciados e recanalizados em “objetos espúrios”, de forma que a análise crítica marxista dos textos culturais deve explorar a capacidade de despertar os conteúdos reprimidos novamente. É nesse aspecto que Jameson revisa a análise da indústria cultural de Adorno e Horkheimer, identificando os impulsos utópicos “em ação naqueles textos mais degradados da cultura de massa, slogans de anúncios comerciais”, como “modelo para uma análise do quanto as formas mais cruas da manipulação dependem das mais antigas expectativas utópicas da humanidade” (Jameson, 1992a, p.297). A partir desse reconhecimento simultâneo das “funções ideológicas e utópicas do texto artístico”, a crítica marxista cumpriria,

então, seu papel também na práxis política, que “ainda é, evidentemente, a razão de ser do marxismo”, reforçando a dupla obrigação da dialética de inventar formas que unem a situação imediata com a possibilidade da ideia radical de um outro futuro possível (ibid., p.308).

Assim, Jameson analisa em sua obra uma série de utopias (e distopias), entendidas como instrumentos de descrição histórica e como meios que canalizam (consciente ou inconscientemente) a insatisfação com o presente. Tal recurso ganha sentido em meio ao ambiente de refluxo dos modelos alternativos ao capitalismo, sobretudo após a queda do muro de Berlim. A partir da análise utópica, o autor é, então, capaz de revelar aspectos interessantes do imaginário político contemporâneo, sem, no entanto, oferecer uma contrapartida prática imediata – tal como em Lukács, baseado na concepção clássica de partido – de forma que sua obra apresenta uma variação na compreensão do marxismo como uma unidade entre teoria e prática.

Jameson é bastante consciente desse impasse, algo que é explicado por ele justamente pelo fato de cada forma de dialética estar relacionada à situação específica na qual foi desenhada. Hegel, Marx e o próprio Lukács, por exemplo, a pensaram em períodos históricos de revolução social (Revolução Francesa; Revolução de 1848, Comuna de Paris, Primeira Internacional; Revolução Russa), em que “a janela em direção a um futuro radicalmente diferente foi, por mais que levemente, aberta” (Jameson, 2009c, p.280). Na ocasião em que escreve (que oscila entre o ambiente da Guerra Fria, a efervescência dos anos 1960, a crise do capitalismo nos anos 1970, a derrocada do socialismo real e a virada neoliberal em 1980 e 1990), tais “condições de possibilidade” teriam mudado consideravelmente, de forma que estaria posto o desafio de se pensar uma concepção dialética adequada às características desse momento particular.

Nesse sentido, Jameson de certa forma aplica os princípios de reflexividade e historicidade das operações dialéticas ao seu próprio pensamento, avaliando o marxismo com sua própria lupa, ou seja, entendendo-o como mais um fenômeno cultural que, como qualquer outro, varia historicamente, de acordo com situações sociais concretas. É nessa perspectiva, inclusive, que defende a existência de “diferentes marxismos no mundo de hoje, cada um deles respondendo às necessidades e problemas específicos de seu próprio sistema socioeconômico” (Jameson, 1996, p.8). Assim, cada marxismo seria específico de uma situação: “são as ideologias locais de uma ciência marxiana na história e em situações concretas, que estabelecem não só suas prioridades, mas também seus limites”, de forma que cada um abrange “as determinações de classe e os horizontes cultural e nacional de seus proponentes (horizontes que incluem, entre outras coisas, o desenvolvimento de uma classe trabalhadora política no período em questão)” (ibid., p.19).

O marxismo de Jameson, portanto, apesar das fortes influências europeias, estaria enraizado e firmemente circunscrito aos principais debates surgidos no

centro do capitalismo (o momento “pós-industrial” de ascensão da economia de serviços, a expansão da mídia, da propaganda, do consumo, da cultura de massas, o neocolonialismo etc.). Ou seja, se até, antes de tudo, às contradições da sociedade norte-americana do pós-guerra – que espelharia um mundo cada vez mais disperso e compartimentalizado, em que “as pessoas estão ao mesmo tempo irrevogavelmente inter-relacionadas e condenadas a ver o todo através das vidraças deformantes de suas próprias posições no mesmo”, algo que teria colocado na ordem do dia, segundo Jameson, a necessidade de se resgatar a categoria da totalidade (Jameson, 1985, p.42-43).

Do texto ao contexto

Outra característica fundamental da obra de Jameson é seu trabalho de *crítica cultural*. Seguindo à risca a concepção materialista aberta pelos autores do marxismo ocidental, o autor realiza uma análise do capitalismo que tem como ponto de partida as superestruturas. Para isso, Jameson se utiliza de um modelo interpretativo que parte da ideia fundamental de que todo texto cultural possui um *inconsciente político* – isto é, inconscientemente retém em si uma historiografia de sua própria época (Jameson, 1996, p.22; 244). Dessa forma, trata os produtos culturais não como objetos autônomos (como sugerem certas perspectivas que desassocia texto e contexto), ou como meros “reflexos” da realidade (como apontam as interpretações mecanicistas), mas sim enquanto representações oblíquas de suas circunstâncias históricas, sociais e políticas, que são, de forma variada, distorcidas, reprimidas e transformadas pelo processo de abstração estética. Jameson se propõe, então, a trazer à superfície “a realidade reprimida e oculta” dos textos culturais, isto é, revelá-los como “atos socialmente simbólicos”, a partir de um trabalho de interpretação que corresponde a nada mais do que uma operação alegórica, “em que um texto é sistematicamente *reescrito* em termos de um código mestre fundamental”, a História, que, segundo o autor, é uma “causa ausente” (Althusser) que encontra justamente na arte uma forma distorcida e simbólica de se expressar e de ser subjetivada.

Nesse sentido, grande parte das análises culturais de Jameson opera essa passagem ou mudança de marcha do nível textual para o social, pelo qual o sentido de uma série de obras – que vão desde os romances de Balzac, George Gissing e Joseph Conrad até os quadros de Andy Warhol – são evocados nos termos da realidade social e política mais ampla na qual estão inseridos, ou ainda, nos termos do modo de produção capitalista e suas respectivas *dominantes culturais*, quais sejam, o realismo, o modernismo e o pós-modernismo – “revoluções culturais”, linguísticas e ideológicas que acompanharam os diferentes processos de mutação do sistema: o capitalismo de mercado (tal como descrito por Marx), o capitalismo monopolista ou imperialista (descrito por Lenin) e o capitalismo tardio (Mandel), respectivamente (Jameson, 1992a, p.82).

Ao colocar como horizonte da crítica cultural a análise do modo de produção capitalista em seus diferentes estágios, Jameson elucida, portanto, como os problemas inerentes ao campo literário se revelam bastante úteis para se pensar a sociedade de um modo geral:

os problemas específicos levantados pela interpretação literária e cultural de hoje apresentam analogias sugestivas com os problemas metodológicos de outras ciências sociais (entendendo-se que, para o marxismo, a análise literária e cultural é uma ciência social). (Jameson, 1992a, p.305)

Assim, o domínio fechado de uma obra cultural – e “a situação experimental ou de laboratório que ela constitui, com seus problemas característicos de forma e conteúdo, e da relação da superestrutura com a infraestrutura” – ofereceria “um microcosmo privilegiado” para se observar problemas sociais mais complexos (Jameson, 1985, p.2-3).⁶ Do ponto de vista sociológico, isso seria bastante rico, pois “a sociedade, claramente, não é um objeto empírico que podemos encontrar e estudar diretamente em nossa própria experiência” (ibid., p.50). Assim, apesar de não podermos ter acesso imediato à realidade como um objeto de análise, podemos ter acesso às representações dela feitas, que necessitam do ato de interpretação para serem compreendidas. Isso não significa que a sociedade deva ser vista como um texto (como sugerem os estruturalistas), mas que ela nos é acessível apenas através da representação, como forma narrativa (Jameson, 2008c, p.452-453). Por isso, Jameson defende que a literatura é central, pois ela é a forma suprema de narrativa, cujo estudo fornece uma compreensão da história, do mundo social e subjetivo.

Tal variação de ênfase do “vertical” ao “horizontal” – isto é, do interesse na interpretação e nas múltiplas dimensões e níveis de um texto aos problemas da historiografia e do modo de produção em geral (Jameson, 1989, p.xxix) – permite reconhecer que, além de um crítico cultural, Jameson pode ser lido também como um teórico do capitalismo, na medida em que sua análise cultural se desdobra numa interpretação da sociedade e num diagnóstico do presente histórico.

Considerações finais

A proposta de Jameson de realizar uma atualização do marxismo a partir da identificação parcial e diálogo crítico com outras vertentes da teoria contemporâ-

6 Como afirma em *Marxismo e Forma*: “uma vez que o cultural é bem menos complexo que o econômico, pode servir como uma introdução conveniente ao real, numa escala reduzida e simplificada. Assim Engels disse de Balzac: ‘aprendi mais com sua história completa da sociedade francesa, até mesmo em detalhes econômicos (por exemplo, a reorganização da propriedade mobiliária e pessoal depois da Revolução), do que com todos os historiadores, economistas e estatísticos professos do período [...]’” (Jameson, 1985, p.12-13).

na foi algo que lhe garantiu uma posição singular e da mesma forma foi um dos motivos para que sua obra fosse objeto de variadas críticas.⁷ Seu hábito intelectual de usar a melhor “lente teórica” de acordo com a demanda, pressupondo os pontos fortes e fracos de cada uma, enriqueceu em muitos sentidos suas análises, ao mesmo tempo que o fez, como descreve Martin Jay (1993, p.296-310), um “artista de corda bamba” que, para possuir uma visão privilegiada do alto, deve-se equilibrar no meio fio diante das pressões exercidas por todos os lados. Ou seja, a forma como ele operou a lógica dialética teve como efeito prático a construção de um tipo de teoria expandida, que tomou proveito de ideias e conceitos de outros pensadores, de maneira a criar sínteses importantes e originais (como a ideia de pós-modernismo como a lógica cultural do capitalismo tardio). Porém, também fez com que sua obra lidasse com o risco de esbarrar num certo tipo de pluralismo que, como o próprio Jameson nota, é uma forte pressão tanto do ambiente acadêmico contemporâneo – cujo “congestionamento bibliográfico” torna difícil “evitar uma espécie de saturação referencial, para não dizer ecletismo, no emaranhado do qual o pesquisador deve se situar para poder dialogar com seus pares, sobretudo se forem opositores” (Jameson, 1985, p.vii) – quanto da própria configuração cultural pós-moderna que sua obra analisa, cujo “grau zero” é o ecletismo: “as pessoas escutam *reggae*, assistem a um *western*, almoçam McDonald’s e jantam cozinha local, usam perfume de Paris em Tóquio e roupas retrô em Hong Kong; o conhecimento é um assunto de jogos de TV” (Eagleton, 1995, p.67).

Esse risco é evidenciado justamente no momento em que Jameson precisa elencar o marxismo como o “código-mestre” de suas interpretações. Ao mesmo tempo, é exatamente este recurso que o ampara para não cair numa heterogeneidade teórica absoluta, já que a combinação de diferentes perspectivas e métodos é hierarquizada pela perspectiva marxista, colocando o “momento Marx” num plano diferente, acima do momento de outras perspectivas que congrega em seu pensamento. Nesse sentido, recorrentemente retoma em Sartre (2002) algo que uma teoria meramente pluralista oculta: o marxismo como filosofia insuperável, evitando que as outras vertentes que incorpora apareçam como tendências dominantes, mas sim como visões que apresentam aspectos fragmentados da vida social, incompletos sem uma teoria da história que apenas o marxismo pode oferecer.

Interessante notar que esse procedimento de atualização e ampliação do marxismo por meio de um recurso de “hibridização” que combina referências de diferentes sistemas teóricos, na verdade, não é uma exclusividade da obra de Jameson. Ele foi uma espécie de “lugar possível” ou recurso encontrado por diferentes teóricos marxistas para relegitimar e tirar a tradição marxista da posição de

7 A aproximação de Jameson com o tema da pós-modernidade, por exemplo, não foi vista com bons olhos por alguns teóricos que consideravam a conjugação entre marxismo e pós-modernismo inapropriada ou paradoxal, tal como relata em seu ensaio *Marxismo e Pós-modernismo* (1989). Outros notaram que seu hábito de incorporar termos também trouxe imprecisões conceituais, como é o caso de seu uso do termo “capitalismo tardio”, criticado por Mike Davis (1985).

isolamento em que se encontrava. Ou melhor, uma forma de contornar, de maneira produtiva, sua “perda de hegemonia” perante as teorias que compunham o quadro teórico do pensamento crítico, num momento em que a pertinência e relevância de temas e conceitos marxistas para a análise e compreensão da sociedade capitalista contemporânea estavam sendo questionados (Keucheyan, 2014, p.72-73). No caso específico de Jameson, esse recurso cimentou o percurso do autor em operar e desenvolver uma de suas linhagens específicas: o marxismo ocidental.

Uma das características mais evidentes, que o coloca imediatamente como um dos principais herdeiros desta linhagem hoje, é a forma como sua obra endossaria um “giro” do marxismo para os estudos de filosofia e estética, algo que Perry Anderson acusa como um resultado da “derrota política”. Uma leitura mais detida da obra de Jameson nos revela, entretanto, o quanto esse retorno, ou nova “virada”, para a cultura significou não apenas um “recuo”, mas uma necessidade de se pensar a própria centralidade que essa esfera passou a ter para o desenvolvimento do capitalismo e para se lutar contra ele, revelando-se um assunto decisivo em termos teóricos, mas também políticos. Assim, enquanto Anderson coloca a investigação da economia política e da cultura como questões quase que antagônicas no desenvolvimento do marxismo (como se os marxistas ocidentais tivessem invertido o caminho de Marx, que teria ascendido da filosofia para a crítica da economia política), Jameson demonstra que economia e cultura na verdade tornaram-se coexistentes, a tal ponto que a análise do sistema não deve mais entendê-las como dimensões apartadas.

Além disso, a obra de Jameson também parece relativizar o diagnóstico de Anderson sobre a relação entre teoria e prática, dando a ele contornos mais complexos e contraditórios. Se a proposta de uma reconexão orgânica (tal como na tradição clássica do marxismo) se mantém difícil, isso se dá também porque houve uma mutação mais geral das próprias condicionantes de existência desta tradição, tendo em vista sobretudo o quanto seu ambiente intelectual e institucional passou a ser centralmente as universidades. Nesse sentido, é bastante interessante a sugestão proposta por Ellen Wood (1995, p.31-35) sobre como analisar as tendências intelectuais do pensamento crítico a partir da segunda metade do século XX, das quais as obras de Jameson e do próprio Anderson constituem dois exemplares. Para a autora, essas tendências devem ser pensadas não apenas em termos da conjuntura e dos ascensos e declínios do movimento operário e da política tradicional de classe (ou ainda, como uma explicação sobre a formação de intelectuais adaptados ao signo da “derrota” e como eles se distanciaram de partidos e movimentos), mas também em termos da própria *intelligentsia* marxista, isto é, de como esta compreendeu, assimilou e se portou em meio a este processo de mudanças históricas e como, em grande medida, passou a operar, lançando mão de quais instrumentos, a partir de qual lugar etc. Tendo em vista que, no caso do marxismo, cada presente histórico implica uma crítica de si mesmo, isso passa por entender tanto a prática numa chave mais ampliada, quanto o desenvolvimento interno da obra de cada

autor e o ambiente de época no qual ele está inserido. A produção teórica não é um objeto “autônomo”, desvinculado de uma práxis, mas um produto das percepções sobre um determinado momento histórico, bem como de autocompreensão, isto é, de como cada autor enxergou, atuou sobre a realidade e de que forma. A obra de Jameson, assim, o demonstra.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, P. *A crise da crise do marxismo: introdução a um debate contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- BALAKRISHNAN, G. The coming contradiction. *New Left Review*, n.66, nov.-dez. 2010, p.31-53.
- BIDET, J.; KOUVELAKIS, S. (eds.). *Critical Companion to Contemporary Marxism*. Boston: Brill, 2008.
- BLOCH, E. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- BUCHANAN, I. *Jameson on Jameson: Conversations on Cultural Marxism*. Durham: Duke University Press, 2007.
- BURAWOY, Michael. Marxism after communism. *Theory and Society*, n.29, 2000, p.151-174.
- CEVASCO, M. E.; COSTA, I. C. Para a crítica do jogo aleatório dos significantes. In: JAMESON, F. *Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1997, p.5-11.
- COUTROT, T. The American radicals: a subversive current at the heart of the Empire. In: BIDET, J.; KOUVELAKIS, S. (eds.). *Critical Companion to Contemporary Marxism*. Boston: Brill, 2008, p.255-266.
- DAVIS, M. Urban renaissance and the spirit of postmodernism. *New Left Review*, n.151, May-June, 1985, p.106-113.
- DURÃO, F. A. *Teoria (literária) americana: uma introdução crítica*. São Paulo: Autores Associados, 2011.
- EAGLETON, T. Capitalismo, modernismo e pós-modernismo. *Crítica marxista*, v.1, São Paulo, 1995, p.53-68.
- HOBSBAWM, E. O marxismo hoje: um balanço aberto. In: HOBSBAWM, E. (org.). *História do marxismo: O marxismo hoje (primeira parte)*. v.11. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p.13-66.
- _____. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- HOMER, S. *Marxism, Hermeneutics, Postmodernism*. Cambridge: Polity Press, 1998.
- JAMESON, F. *The Prison-House of Language: A Critical Account of Structuralism and Russian Formalism*. Princeton: Princeton University Press, 1974 [1972].
- _____. *Sartre: The Origins of a Style*. Nova York: Columbia University Press, 1984 [1961].
- _____. *Marxismo e forma*. São Paulo: Hucitec, 1985 [1971].
- _____. Introduction. In: *The Ideologies of Theory: essays 1971-1986*. Volume I: Situations of Theory. Minneapolis: University of Minnesota, 1989, p.xxv-xxix.

- _____. *O inconsciente político*. São Paulo: Ática, 1992a.
- _____. Periodizando os anos 60. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992b, p.81-126.
- _____. A permanência do marxismo – Debate com Paulo Arantes e Roberto Schwarz. *Folha de S.Paulo*, 23/8/1993.
- _____. *O marxismo tardio*: Adorno ou a persistência da dialética. São Paulo: Ed. Unesp, 1996.
- _____. *Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1997.
- _____. O marxismo realmente existente. In: JAMESON, F. *Espaço e imagem*: teorias do pós-moderno e outros ensaios. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004, p.67-106.
- _____. Marxismo e pós-modernismo. In: JAMESON, F. *A virada cultural*: reflexões sobre o pós-moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p.63-88.
- _____. Imaginary and symbolic in Lacan. In: JAMESON, F. *The Ideologies of Theory*. London: Verso, 2008a, p.77-124.
- _____. Reflections on the Brecht-Lukács debate. In: JAMESON, F. *The Ideologies of Theory*. London: Verso, 2008b, p.434-450.
- _____. Marxism and historicism. In: JAMESON, F. *The Ideologies of Theory*. London: Verso, 2008c, p.451-482.
- _____. “History and Class Consciousness” as an Unfinished Project. In: JAMESON, F. *Valences of the Dialectic*. London: Verso, 2009a, p.201-222.
- _____. The three names of the dialectic. In: JAMESON, F. *Valences of the Dialectic*. London: Verso, 2009b, p.3-74.
- _____. Persistencies of the Dialectic: Three Sites. In: JAMESON, F. *Valences of the Dialectic*. London: Verso, 2009c, p.279-290.
- JAY, M. *Marxism and Totality*: The Adventures of a Concept from Lukács to Habermas. Berkeley: University of California Press, 1984.
- _____. Postmodernism, or, the cultural logic of late capitalism (review). *History and Theory*, v.32, n.3, out. 1993, p.296-310.
- KELLNER, D.; HOMER, S. (org). *Fredric Jameson: A Critical Reader*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2004.
- KEUCHEYAN, R. *The Left Hemisphere*: Mapping Critical Theory Today. London: Verso, 2014.
- KOUVELAKIS, S. The Crises of Marxism and the Transformation of Capitalism. In: BIDET, J.; KOUVELAKIS, S. (eds.). *Critical Companion to Contemporary Marxism*. Boston: Brill, 2008a, p.23-38.
- _____. Fredric Jameson: An Unslaked Thirst for Totalisation. In: BIDET, J.; KOUVELAKIS, S. (eds.). *Critical Companion to Contemporary Marxism*. Boston: Brill, 2008b, p.697-710.
- _____. Planeta Marx: sobre a situação atual do marxismo. *Lutas sociais*, São Paulo, n.28, 2012, p.72-86.
- KUMAR, K. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna*: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- LUKÁCS, G. *História e Consciência de Classe*: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1923].

- MARCELINO, G. H. *Marxismo e modernidade em Fredric Jameson*. 2017. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo.
- MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Livro I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- _____. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MUSSE, R. *De socialismo científico a teoria crítica: modificações na autocompreensão do marxismo entre 1878 e 1937*. 1997. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo.
- RAULET, G. The Frankfurt School's Critical Theory: from neo-marxism to "post-marxism". In: BIDET, J.; KOUVELAKIS, S. (eds.). *Critical Companion to Contemporary Marxism*. Boston: Brill, 2008, p.143-162.
- SARTRE, J.-P. *Crítica da razão dialética*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SONTAG, S. *Contra a interpretação*. São Paulo: L&PM, 1987.
- THERBORN, G. *Do marxismo ao pós-marxismo?* São Paulo: Boitempo, 2012.
- WALLERSTEIN, I. *Unthinking Social Science: The Limits of Nineteenth-Century Paradigms*. Cambridge: Polity, 1991.
- WOOD, E. M. A chronology of the New Left and its successors, or: who's old fashioned now? *Socialist Register*, v. 31, 1995, p.22-49.

Resumo

Este artigo visa apresentar um comentário sobre o marxismo de Fredric Jameson. O objetivo central é oferecer um panorama introdutório de sua obra, de forma a ressaltar tanto suas principais contribuições quanto aquilo que propriamente especifica e singulariza seu trabalho enquanto um esforço de atualização da tradição marxista, em especial, de uma de suas linhagens específicas: o marxismo ocidental. Para tanto, pretende-se resgatar alguns elementos constitutivos da teoria de Jameson (como a crítica cultural, a defesa da dialética, da totalidade e da utopia), bem como a forma particular com que o autor conjuga a perspectiva marxista com outras correntes interpretativas, algo que muitos críticos consideram uma marca recorrente dos esforços atuais de renovação da tradição marxista, sobretudo após a chamada "crise do marxismo". Com isso, espera-se contribuir tanto para a compreensão do pensamento de Jameson, como para a caracterização dos marxismos que se desenvolveram no contexto do final do século XX.

Palavras-chave: Fredric Jameson; marxismo ocidental; dialética; totalidade; utopia.

Abstract

This article aims to present a commentary on Fredric Jameson's Marxism. The central objective is to offer an introductory overview of his work, in order to highlight both his main contributions and what specifies and singularizes his work as an effort to update the Marxist tradition, in particular, one of its specific

lineages: Western Marxism. To this end, it is intended to rescue some constitutive elements of Jameson's theory (such as cultural criticism, the defense of dialectic, totality and utopia), as well as the particular way in which the author combines the Marxist perspective with other interpretative currents, something that many critics consider a recurring mark of current efforts to renew the Marxist tradition, especially after the so-called "crisis of Marxism". With this, it is expected to contribute both to the understanding of Jameson's thought, as well as to the characterization of the several Marxisms that were developed in the context of the end of the 20th century.

Keywords: Fredric Jameson; Western Marxism; dialectic; totality; utopia.